

Recensões

Ahmed, Sara (2010), *The Promise of Happiness*. Durham: Duke University Press, 2010, 315 pp.

Sara Ahmed oferece neste livro um contributo inovador apelando à necessidade de reformulação epistémica, social e política da felicidade. Cruzando as teorias feministas, os *black studies* e as abordagens *queer*, Ahmed denuncia os modos através dos quais a produção de conhecimento sobre a felicidade opera como técnica disciplinar, ao fazer dessa felicidade um imperativo moral. Porque vivemos hoje “um consenso de que a felicidade deve ser um consenso” (1), a autora convida a uma descrença céptica, mas não necessariamente anômica ou paralisadora, sobre formas “científicas”, governamentais, sociopolíticas, relacionais e experienciais que nos são impostas com o intuito da manutenção daquele imperativo. Ao constituir-se como performativa, a “ciência da felicidade” determina já por si as geografias e os corpos onde deve habitar-se de modo *feliz*, “o que significa que certos corpos são empurrados para as margens, de forma a que a infelicidade que se presume residir nesses corpos não ameace a felicidade que se toma por adquirida” (98).

Neste trabalho, percebemos que o poder transformador do social e do político reside em reivindicações que contrariam uma felicidade uniformizada, por meio de uma sociabilidade que não é, ao contrário do que frequentemente se julga, a da partilha da felicidade, mas bem mais a da partilha do que esta não dá, do que esta não assegura, uma sociabilidade sobre o reconhecimento da alienação perante a felicidade prometida e massivamente idealizada. “Pensar sobre felicidade é por isso pensar sobre o papel da afirmação” (47), de forma a criar um estado de coisas fora da ordem, fora das hierarquias sociais que os ideais de felicidade se destinam a reproduzir pela dicotomia entre quem tem e quem não tem direito a *fazer-se feliz*. Uma afirmação que radica na recusa em alinhar nos consensuais consensos de felicidade, abrindo horizontes nos quais é possível encontrar outros modos de se *fazer* a felicidade.

Assim se entende que Ahmed encontre no feminismo (e em especial no feminismo negro) um ensinamento crucial sobre o que entendemos por felicidade: a consciência de que muitas mulheres não estão sequer capazes de se aproximarem da fantasia da felicidade, num mundo contemporâneo onde governa a “desigual distribuição da promessa de um sentimento ou do sentimento de uma promessa, muito mais do que a distribuição da felicidade em si mesma” (51). A história do feminismo, bem como das trajetórias *queer* ou das mobilidades migratórias é afinal a história de quem se recusa a permanecer no consenso ou a seguir o “bem” de outras pessoas. A imaginação e as representações discursivas que lhe estão associadas (sobre as mulheres, sobre gentes *queer*, sobre sujeitos migrantes) vão aparecendo neste trabalho de Ahmed como potencialmente criadoras de outros horizontes, ao permitirem a tomada de consciência da infelicidade que inevitavelmente reside naquela recusa, mas também ao permitirem outros e melhores modos de compreensão dessa (dita) infelicidade. Há nisto a solidariedade de podermos reconhecer-nos em união pela alienação que mais e mais conscientemente vamos assumindo face à felicidade prometida. Não por acaso, a autora denomina como “alienadas do afecto” (*affect aliens*) as figuras que eleger para ocuparem centralidade na sua reflexão: as feministas que em busca de *outras* felicidades *desmancham o prazer* (*killjoy*) de uma felicidade heterónoma, os inconformados sujeitos *queer* na recusa em acolherem a normativa “hospitalidade heterossexual” e os/as melancólicos/as migrantes na sofrida consciência de percorrem geografias para traírem a traída felicidade de lugares fixos e outrora ocupados.

Mais não fosse, o livro valeria pelo questionamento vivo e desafiante das semânticas que tendemos a atribuir à (in)felicidade, bem como pela excelente integração de contributos de diferentes quadrantes teóricos e do recurso a exemplos cativantes da cultura de consumo (filmes, séries e programas televisivos, romances, blogues, ...) como complemento ao cruzamento conceptual que Ahmed vai edificando.

Mas é mais além que nos parece haver tão boas razões para a sua leitura: no quanto podemos pensar e fazer a partir das propostas com que nos presenteia sobre novas e reinventadas práticas sociais e políticas. Como diz, as lutas políticas têm sempre de viver da aspiração e (por associação à raiz latina da palavra) da respiração, pelo que a energia política para transformar a felicidade, tal como esta tende a ser (re)forçada, “pode significar simplesmente a liberdade para respirar” (p. 120). Nestas lutas políticas há que integrar também uma nova genealogia da felicidade, para que não olhemos quem sofre por não se rever na actual promessa da felicidade como residindo na passividade mas, em vez disso, para que questionemos os modos de (re)distribuição das qualidades de passividade e de actividade nos corpos sociais e pessoais em que querem colocar-nos. Olhando o sofrimento não como condição passiva, mas antes como potencial agência

subjectiva e colectiva de transformação ética, urge uma política de acontecer (*a politics of hap*) e não uma política da felicidade (*a politics of hap-piness*). Porque “fazer acontecer é fazer um mundo” (223), aberto a possibilidades de nos fazermos de outros modos, de nos fazermos talvez. Urge, acrescentamos nós, uma política que impeça que a felicidade, tal como fabricada pela indústria social contemporânea que esta obra desconstrói, não se torne num *novo ópio do povo*.

NUNO SANTOS CARNEIRO

É investigador de pós-doutoramento no Centro de Investigação em Psicologia da Universidade do Minho e *visiting fellow* no Research Institute for Health and Social Change da Manchester Metropolitan University. É ainda bolseiro da FCT (SFRH / BPD / 68661 / 2010).

Contacto: nunoscarneiro@gmail.com